

A adolescência é feliz na era das redes sociais

Is adolescence happy in the age of social media?

¿Es feliz la adolescencia en la era de las redes sociales?

Candido Alberto Gomes¹
Carlos Daniel da Silva²
Geraldo Caliman³
Carlos Angelo de Meneses Sousa⁴

Resumo: Esta pesquisa quantitativa objetivou analisar os impactos do uso e da dependência de mídias sociais sobre o bem-estar e o cyberbullying entre adolescentes. A maior parte da literatura constata problemas de saúde mental da adolescência, gerados e/ou agravados pelo uso intenso das mídias. Assim, foram escolhidos cinco estabelecimentos públicos e particulares para aplicação de um questionário. A amostra se distribuiu equitativamente por gênero e idade (13-15 e 16-18 anos). As/os respondentes usavam a internet por longo tempo, de modo que um novo agente de educação implícita se inseriu entre a família e a escola. O cyberbullying alcançou proporção apreciável de estudantes, quer na agressão como na vitimização. Grupo amplo desempenhava os dois papéis, já que vítimas passaram à agressão, em especial rapazes. Poucos pais se envolviam na orientação e controle do uso da internet. Em conclusão, a adolescência pesquisada vive entre as tensões da aceitação por colegas, as exigências da escola e da família e da inserção nas redes sociais. A passagem da vitimização à agressão pode criar uma bola de neve de violência, exigindo prevenção e ações, em especial junto aos rapazes.

Palavras-chave: Adolescência. Bullying. Escola. Tecnologia da Informação. Violência.

Abstract: This quantitative research project aimed to analyze the impacts of the social media's use and dependence among adolescents. Most of the literature finds mental health problems, arisen and/or aggravated by the intense use of media. We chose five public and private school units to apply a questionnaire. The sample had almost the same number of respondents by gender and age (13-15 and 16-18 years) in each unit. Respondents used internet for long hours so that a new implicit education agent arose between family and school. An expressive group was cyberbullying aggressors and victims. A large group played both roles, suggesting that victims also became aggressors, in particular boys. A low number of parents were involved in guidance and control of internet use. Therefore, respondents lived among tensions for colleague group's acceptance, requirements from school and family, as well as the insertion in social media. As part of the victims became aggressors, violence may constitute a snowball, requiring prevention and actions, in particular for boys.

Keywords: Adolescence. Bullying. Information technology. School. Violence.

Resumen: Esta Investigación cuantitativa tuvo como objetivo analizar los impactos del uso y de la dependencia de los medios electrónicos de comunicación y el cyber acoso entre adolescentes. La mayor parte de la literatura detecta problemas de salud mental en esta edad, generados y/o agravados por el uso

1 Doutor em Educação, Pesquisador externo da Universidade de Aveiro, candidoacg@gmail.com.

2 Doutor em Educação, Professor da Universidade Católica de Brasília (UCB), carlosecconomist@hotmail.com.

3 Doutor em Educação, Professor da Universidade Católica de Brasília (UCB), ger.caliman@gmail.com.

4 Doutor em Sociologia, Professor da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), carlosangelos@yahoo.com.br.

intenso de estos medios. Así, fueron seleccionados cinco establecimientos públicos y privados para aplicar un cuestionario. El muestreo se distribuyó equitativamente por género y edad (13-15 y 16-18 años). Los respondientes usaban la internet por largo tiempo, de lo que se concluye que emergió un influyente agente de educación implícita entre la familia y la escuela. El cyberbullying alcanzó una proporción apreciable, sea en la agresión, sea en la victimización. Un grupo expresivo ejercía ambos roles, sugiriendo que víctimas también se convertían en agresoras.es, en particular los chicos. El pasaje de la victimización a la agresión puede crear una bola de nieve, así exigiendo intervenciones y acciones en particular para los chicos.

Palabras-chave: Adolescencia. Bullying. Escuela. Tecnología de la información. Violencia.

INTRODUÇÃO

A adolescência, com as suas profundas transformações biopsicossociais, rumo à idade adulta, encanta artistas como o movimento pendular de Machado de Assis (1994) no poema “Menina e moça”. Nele se refere “[à] aquela idade inquieta e duvidosa, / Que não é dia claro e é já o alvorecer”. Cerca de século e meio depois, a adolescência tem diferentes configurações, com o intenso uso de redes sociais em novos contextos histórico-sociais. Nas teias da complexidade, como se sente a adolescência nos dias de hoje, usuária de redes sociais e em parte dependente delas? Esta pesquisa internacional focaliza os impactos do uso das mídias sociais e a respectiva adição sobre o bem-estar e a prática do cyberbullying pela adolescência. Parte dos dados da investigação brasileira são aqui analisados, com algumas conclusões preocupantes. Foi utilizada uma amostra não aleatória de estudantes de escolas públicas e particulares, de 13 a 18 anos, com cerca de 50% de respondentes de cada gênero. O questionário apresenta, além de outros indicadores, dois itens sobre a felicidade. É reconhecido que o item único para a adolescência apresenta um padrão consistente de validade, em relação a indicadores de validade concorrente e divergente (Lukošvičiūtė; Gariepy; Mabelis et al., 2022).

2 REFERENCIAL

Complexidade, ambiguidade, contradições, situações críticas, sensibilidade acentuada a emoções positivas e negativas, sofrimento psíquico, busca de autonomia e protagonismo são termos associados à adolescência, bem

como movimentos pendulares como os do poema machadiano. As condições socioeconômicas e o alongamento da expectativa da vida humana promoveram alterações nas suas fases. Ao passo que os primeiros hominídeos dificilmente chegavam aos 40 anos e as mulheres tinham alta probabilidade de ser avós em sua segunda década de vida, na França medieval a maioridade de fato para plebeus começava aos 12 anos e, na nobreza, podiam tornar-se reis e senhores aos 15 anos. Hoje rumamos em parte dos países para uma expectativa média ao nascer de 100 anos, dependendo do nível socioeconômico (Gomes, 2012). Assim, a redução do trabalho infantil e a extensão da escolaridade obrigatória interpolaram uma etapa entre a infância e a idade adulta, a adolescência (Hall, 1904). Como a infância em si constitui uma criação sociocultural (Ariès, 2021), do mesmo modo se encara a adolescência como tal. A mais longa convivência entre si criou a sociedade adolescente (Coleman, 1963), com os seus valores, normas, modas, lideranças, padrões de consumo e comportamento, elaborando uma cultura própria, não necessariamente apoiadora dos valores da escola. Formam-se grupos e subgrupos conforme vários critérios, como o da homofilia (associação por semelhanças), grupos de apoio mútuo e também de agressões, além de clivagens em grupos maiores, segundo gênero, etnia, origens sociais, hobbies, esportes, origens migratórias etc. (Gomes; Vasconcelos; Lima, 2016). O interesse é a autonomia, a emancipação, criando seus próprios espaços, em sociedades aceleradas, onde a convivência com os pais trabalhadores é restrita. Uma calçada perto da escola torna-se um espaço próprio deles, onde se sentam no chão e conversam, porém as falas dão lugar ao silêncio quando algum adulto se

aproxima demais. Casas abandonadas, alugadas para festas repentinas, prédios em construção constituem espaços para a convivência, a experimentação sexual e o desaparecimento de si (Le Breton, 2019), longe das câmeras de ruas e praças, olhos eletrônicos adultos instalados em toda parte.

Entre máscaras e faces para diferentes pessoas e grupos, surge um lugar para desaparecer de si, fisicamente bem perto dos pais, mas distante socioculturalmente: a bolha do quarto conectado eletronicamente, uma casa dentro da casa (Glévarec, 2010). Os pais supõem que, por estarem no seu quarto, a adolescência está segura, quando a internet veicula coisas boas e más, cuja distinção fica a cargo da consciência e nível de informação dos jovens usuários, já que poucos adultos orientam. No silêncio a deep web, o submundo da internet, pode dar acesso a desconhecidas(os), à pornografia, compra de drogas, preconceitos, fobias e o universo de crueldade do mundo. Quando o tempo dedicado às redes é longo, conforme nossa pesquisa, pode superar o tempo de convivência na escola e na família. Ou seja, as tecnologias provêm uma educação implícita talvez de maiores efeitos que a escola e a família.

Em especial a partir da pandemia, a internet tem servido às cyber violências, dentro e fora das escolas, tendo consequências mais severas que o assédio presencial. Às primeiras aplica-se o triângulo de Olweus (1998), composto por agressor.a, vítima e testemunha.s. Como no assédio presencial, alguns fatores de vulnerabilidade são a longa exposição nas redes, necessidades especiais, status socioeconômico discrepante da maioria e transtornos psicológicos (Blaya, 2025). Estas populações tendem a ser vítimas, em particular as meninas. Como os conteúdos das redes nelas permanecem por longo tempo e atingem maior número de pessoas do que num pátio escolar, as consequências podem ser mais graves, como ansiedade, depressão, culpa, vergonha e as tentações de fugir de si mesmo, inclusive pelas autoagressões e o suicídio. Fatores protetivos são uma família integrada, capaz de dialogar, adultos a quem pedir orientação e menor tempo (e dependência) das redes, entre outros.

Ademais, as redes oferecem produtos comerciais que visam ao lucro de grandes em-

presas. Por isso, as indústrias culturais se valem de processos visíveis e invisíveis para atrair e manter a atenção pelo máximo tempo possível, seja da adolescência, como na infância e na idade adulta. A adesão e a dependência desses produtos aumentam proporcionalmente os lucros das gigantes da tecnologia.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa busca verificar os impactos do uso das mídias sociais sobre o bem-estar e a prática de cyberbullying por adolescentes de 13 a 18 anos de idade. A amostra, não probabilística, se compôs de números equivalentes de estudantes urbanos, conforme três variáveis significativas segundo a literatura: a idade, o gênero e uma variável proxy do nível socioeconômico, isto é, a divisão por escolas públicas (gratuitas) e escolas particulares (pagas). O total de respondentes do questionário, traduzido com adaptações, foi de 536, mais que o dobro estipulado pelo projeto. Este foi elaborado com a liderança de Aleksander Veraksa e aprovado pela Comissão de Ética de Pesquisa da Faculdade de Psicologia da Lomonosov Moscow State University, com o Parecer n. 2023/37, de 3.4.2023. As dimensões internacionais do fenômeno, em especial após a pandemia, se manifestam em todos os continentes e em áreas urbanas e rurais, praticados e sofridos por crianças e adolescentes (Zhu.; Huang; Evans; Zhang, 2021), o que abre caminho para múltiplas comparações intra e internacionais.

No Brasil este projeto é desenvolvido pela Cátedra UNESCO de Juventude, Educação e Sociedade, em seu âmbito de cooperação internacional, no Distrito Federal e em uma Região Metropolitana do Nordeste brasileiro. Foram escolhidas duas escolas públicas e, pela resistência de escolas leigas a pesquisas sobre tais temas, selecionaram-se duas escolas confessionais e uma obra social religiosa, salesiana, cujas(os) estudantes, atendidos na iniciação ao trabalho, são matriculados em escolas públicas. Cabe lembrar que São João Bosco, na Revolução Industrial italiana, criou uma pedagogia própria para a juventude desfavorecida. Assim, esta amostra tende levemente à sobre-representação das escolas públicas e também

do ensino médio, ensino secundário superior ou ISCED 3 na terminologia da UNESCO (2011). Em cada estabelecimento se teve como meta o equilíbrio de composição por gênero e idade. Quando havia mais de uma turma do mesmo ano, recorreu-se ao sorteio de uma delas. A literatura distingue a idade inicial e avançada da adolescência, a primeira caracterizada pela singularização de comportamentos e a última, coincidente com a faixa da juventude em muitos países, pela singularização (Barrère, 2011; Cillessen; Schwartz; Mayeux, 2011; Liu; Xu; Huang et al., 2025). O gênero é também uma variável expressiva para a literatura internacional (ex., Blaya, 2025), seja pelos valores e normas diversos, seja pelas percepções e diferentes modos de praticar as violências.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Desde a COVID-19 aumentou substancialmente a população de 9-17 anos com acesso à internet. Em 2019, segundo pesquisa por amostragem, 89% a utilizavam, enquanto 18% viviam em domicílios sem acesso à internet. Em 2024 93% do grupo etário usava internet. As(os) usuárias(os) em área rural haviam se elevado de 75% a 91% e, nos dois estratos socioeconômicos mais baixos, de 80% para 91% (Tic Kids, 2020, 2025). Nossa amostra se compôs de adolescentes com acesso à internet, 33,7% de 13-15 anos (17,9% do gênero feminino, 15,8% do masculino) e 66,2% de 16-18 anos (31,4, feminino; 34,8%, masculino). Toda a amostra utilizava intensamente a internet, cerca da metade para trabalhos escolares. O tempo era dilatado: 25,5% utilizavam mais de seis horas diárias, ao passo que 43,6% superavam as seis horas por dia nos fins de semana. Fica claro que o uso aos sábados e domingos tendia a ocupar quase todo o tempo disponível com o sedentarismo. Acrescentando a escola, com o mínimo legal de quatro horas diárias, nos dias úteis, incluindo estudo fora do ambiente escolar, o tempo de conexão foi elevado. Pelo Censo Escolar de 2024 (INEP, 2025), apenas 23% da matrícula estudava em tempo integral. Este era mais difundido na rede particular, porém esta só representava 20% da matrícula total da educação básica. Os pais, embora também usuários da internet,

ainda careciam de habilidades nas tecnologias. Deste modo, as(os) adolescentes com maior frequência agiam sozinhos. Apenas cerca de 15% dos pais davam apoio às(aos) filhas(os), inclusive quanto à separação do positivo e negativo nas redes. Em torno de 9% controlavam o acesso de suas(seus) filhas(os) por meio de filtros e limitavam o tempo de conexão. A literatura (ex., Blaya, 2018, 2025) constata que o maior tempo de uso das redes vulnerabiliza as crianças e adolescentes. Expostas por mais tempo, podem ser abordadas por pessoas mal-intencionadas dos subterrâneos da internet. Podem ter contato com conteúdos inadequados, como pornografia, drogas, diversos tipos de assédio e captura para atividades ilegais.

Com efeito, a propensão para usar mais e mais as redes se expressou na adolescência, em busca de identidade, rompimento e descoberta de novos laços: mais da metade, 54,4%, declararam usar as redes sociais para esquecerem seus problemas e 23,6% tanto as utilizaram que o seu estudo/trabalho ficou prejudicado. Como produtos culturais de indústrias privadas, interessa que as redes sejam intensivamente usadas, o que gera a acumulação de lucros.

Neste esboço dos resultados iniciais da pesquisa, o cotejo do tempo das(os) respondentes com a família, a escola e a internet, considerando que os pais são impelidos a trabalhar em tempo integral, acrescentado o dos transportes, se destaca um novo agente educativo, cujas atrações competem exitosamente com a escola: a internet. A escola, apesar da sua relevância para ao menos ensinar, não tem os incentivos de roteiros, enredos, cores e dinâmicas das redes. A família precisa competir com as mídias até nas refeições, com a exacerbação do individualismo. Desta forma, valores, atitudes, normas passaram a ser influentemente inculcados pelas tecnologias. As famílias entendem pouco dos seus meandros e em maioria se abstêm de orientar a adolescência. Então, brotou um forte agente de educação implícita, usualmente despercebido e subestimado.

Este trabalho apresenta outros dados sobre o bem-estar das(os) adolescentes. Como vivem em diversos ambientes, não é fácil isolar os efeitos das redes sociais, porém a pesquisa captou sintomas e opiniões preocupantes.

Com tão ampla exposição às tecnologias, o cyberbullying vitimizou parte elevada de respondentes: 27,4% foram vítimas de pessoas, usualmente colegas, que disseram coisas negativas a seu respeito, enquanto 13,9% sofreram exclusão das redes, frequentemente uma forma de agressão/vitimização entre meninas (Owens; Shute; Slee, 2000). Todavia, percentuais menores (6,2% a 1,8%) assinalaram ter recebido agressões consideradas infrações para menores de idade, análogas a crimes para autores maiores, como invasão de contas, cria-

ção de contas falsas, postagem de vídeos ou fotos embaraçosas das vítimas e alteração de fotos ou vídeos. Portanto, a existência de fatos graves deve gerar insegurança e mal-estar nas escolas. Em outras palavras, um número relativamente baixo de agressoras.es pode gerar um clima escolar negativo.

Uma constatação é que parte das vítimas passa a praticar agressões, adotando o “olho por olho” e, assim, gerando uma bola de neve de violência. A tabela 1 exhibe o panorama geral.

Tabela 1 – Média e desvio padrão por gênero, vitimização e agressão

Gênero	Vitimização/Agressão	Média	Desvio padrão
Feminino	Vitimização	15,2	5,8
Feminino	Agressão	13,1	4,1
Masculino	Vitimização	14,1	5,1
Masculino	Agressão	14,8	5,9

Fonte: Dados originais da pesquisa de campo (2025).

Obs.: Vitimização representa a soma de 11 perguntas sobre situações em que a pessoa sofreu agressão em linha. Agressão é a soma de dez perguntas sobre situações em que a pessoa praticou agressão em linha. Assim, números maiores significam que a pessoa relatou mais experiências.

Em seguida, se compararam itens semelhantes, como xingaram-me e xinguei colegas. As relações são positivas e de magnitude mo-

derada a forte. Isso significa que o “olho por olho” tendeu a ser retrucado com a mesma ação (p. ex., uma ameaça por outra ameaça). O ρ de Spearman entre os itens sofridos e praticados, variáveis compostas, foi de 0,54. Ademais, foi construída uma variável de dois níveis (baixa versus alta agressão). Com o uso de regressão logística, foram testados dois fatores explicativos (ter sofrido agressão (VIT binário) e gênero).

Tabela 2 – Variáveis preditoras de agressão por cyberbullying

Variável preditora	Coef. (β)	Odds Ratio (OR)	p-valor	IC 95% (OR)
(Intercepto)	-1,92	0,15	< 0,001	[0,09, 0,23]
VIT_Binário (1)	1,44	4,22	< 0,001	[2,98, 6,02]
Gênero (2 vs. 1)	0,59	1,80	0,003	[1,22, 2,67]

Pseudo R^2 (Nagelkerke): 0,28 | AIC:

Fonte: Dados originais da pesquisa de campo (2025).

Desse modo, calculamos que ter sofrido agressão (VIT_Binário=1) aumenta a chance de ser agressor.a em 322% (OR=4.22), com o gênero constante. Por seu lado, ser do gênero masculino (2) aumenta a possibilidade de ser agressor em 80% (OR=1.80), comparado ao feminino (1), mantendo o controle por vitimização.

Estes aspectos são analisados mais profundamente em outro trabalho, porém fica claro que uma porção significativa de adolescentes pratica e sofre agressões, passando por sofrimento psíquico e turbando aspirações à felicidade.

O pior é que a lei do silêncio recobre muitos desses atos e o respectivo mal-estar,

pois a vitimização envolve a vergonha de procurar ajuda (Gaulejac, 2008). O envolvimento parental no uso da internet é muito baixo, seja pelo silêncio, seja pela falta de conhecimento: só 16,4% explicavam como usar a internet com segurança e 14,5% ajudavam quando alguém incomodava na internet.

O Brasil realiza periodicamente uma pesquisa amostral com estudantes, o PeNSE (Pesquisa Nacional de Saúde Escolar). Apesar de esta investigação e ela diferirem em escopo e metodologia, cabe consignar que em 2019 a prevalência de cyberbullying foi de 13,2% e do bullying, 23,0% (agressões e vitimização), o presencial mais frequente que o intermediado pela tecnologia. Estes fatos se associaram a estudantes que declararam que “ninguém se preocupava consigo”, sentiam-se “tristes”, consideravam que “a vida não vale a pena”, não tinham amigos, sofriam agressões dos pais, faltavam às aulas sem autorização, usavam tabaco, álcool, drogas ilícitas e haviam tido relações sexuais. A menor prevalência se associou ao gênero masculino, ter 16-17 anos e supervisão dos pais no tempo livre (Malta et al., 2019). Assim, o envolvimento com o cyberbullying parece estar relacionado com laços sociais mais frouxos dos grupos familiares e talvez uma sensação de anomia dos estudantes (Durkheim, 2024), quando diferentes normas coexistem e mudam muito rápido.

Embora a saúde mental e o bem-estar de adolescentes sejam motivos de preocupações, situações de felicidade predominam ou se alternam para uma parte desta população. A literatura científica, bem como a mídia osci-

lam entre as crises e o conceito de idade mais bela da vida (ex., Cipriani-Crauste; Fize, 2007). A felicidade foi indagada por dois itens: quão feliz geralmente eu me sinto e quão feliz me senti ontem. À primeira 30,7% responderam “muito feliz” e 32,9% “um pouco feliz”. À segunda 28,4% se avaliaram como muito felizes e 29,6%, um pouco felizes. Os totais são respectivamente de 63,6% e 58,0%, isto é, a maioria percebeu mais luzes do que trevas, todavia, mais de um terço teve em geral a predominância da infelicidade e quase um quinto assim se sentiu no dia anterior. As percepções de longo prazo (“geralmente”) foram ligeiramente mais positivas que as de curto prazo (“ontem”). Trata-se de proporções significativas que requerem atenção e ações. Não é aceitável uma escola em que um estudante em cada três se sente infeliz, o que afeta inclusive o seu clima.

Aprofundando o conceito de felicidade, a tabela 3 apresenta as respostas a um questionário antes aplicado a estudantes sul africanos, relativas aos pontos fortes e dificuldades de adolescentes (strengths and difficulties questionnaire, SDQ). Aarø e colaboradores (2022) afinaram os resultados ao dividir os sintomas em três domínios: pró social, problemas internalizados e problemas externalizados. As respostas se referiram ao que era falso/verdadeiro para as(os) pesquisadas(os). Aqui os percentuais são a soma das categorias “em parte verdadeira” e “verdadeira” numa escala de Likert de cinco pontos. Somando estas categorias, temos os resultados em ordem decrescente.

Tabela 3 – Situações que melhor descrevem as(os) respondentes

Sintomas	%
Domínio pró social	
Tenho um ou mais bons amigos	76,9
Procuro ser agradável com as outras pessoas. Preocupo-me com os seus sentimentos	72,6
Ajudo quando alguém se machuca, fica aborrecida.o ou se sente mal	70,6
Costumo compartilhar as coisas com as.os outras.os	63,8
Com frequência me ofereço para ajudar as.os outras.os	62,3
As pessoas da minha idade geralmente gostam de mim	55,6

Termino o trabalho que inicio	47,6
Sou boa.bom com as crianças mais novas	45,9
Penso antes de fazer as coisas	45,9
Em geral faço o que me mandam	22,9
Domínio externalização de problemas	
Distraio-me facilmente, tenho dificuldade em me concentrar	49,3
Sou inquieta.o; ainda não posso ficar parada.o por muito tempo	28,4
Com frequência me acusam de mentir e “colar”	10,7
Brigo muito. Posso obrigar outras pessoas a fazerem o que eu quero	9,8
Pego coisas que não são minhas em casa, na escola ou em outros lugares	5,0
Domínio internalização de problemas	
Preocupo-me muito	60,4
Fico nervosa.o em situações novas. Facilmente perco a confiança	40,9
Em geral fico na minha. Divirto-me sozinha.o	36,1
Tenho muitas dores de cabeça, estômago, doenças	23,8
Tenho muito medo, com facilidade me assusto	17,7
Com frequência estou infeliz, de cabeça baixa ou chorando	11,5
Colegas implicam comigo ou fazem bullying	8,7

Fonte: Dados originais da pesquisa de campo (2025).

Os maiores percentuais se concentram no domínio pró social, isto é, nos sintomas que indicam ajustamento social e abertura para o ambiente. De fato, a ampla tendência é de manter interação social com pessoas e grupos. Contudo, encontramos sintomas de dificuldades em relação a problemas individuais e sociais. Uma parte das.os respondentes externalizou seus sintomas sob as formas de agressão e inquietude. A sua visibilidade é maior para a escola, que pode considerar seus atos como indisciplina e perturbação da ordem. Aqui tendem a concentrar-se as.os estudantes “difíceis”, pelas suas reiteradas manifestações. Já quem internaliza os problemas pode passar despercebido para a escola e colegas, pois tendem a reservar para si o sofrimento psíquico, submetendo-se ao véu da lei do silêncio, sem recorrer a outras pessoas. Esta fragilidade os torna mais vulneráveis ao bullying. Neste sentido, a escola, como outros ambientes so-

ciais, pode ser comparada a uma arena, com várias subarenas, onde se defrontam pessoas e grupos com diferentes níveis de poder e força (Gomes, 2012) e onde despontam “vencedores” e “vencidos” em situações dinâmicas que se podem inverter. Com base em Olweus (1998) e ampla literatura, adolescentes expressam seus problemas por meio da agressão (os bullies), assim podendo vir a incluir-se no domínio da externalização dos sintomas. Vítimas de cyber/bullying podem também se tornar agressoras.

Por sua vez, no campo do bem-estar, a tabela 4 concerne às emoções positivas e negativas experimentadas durante as últimas duas semanas. Numa escala de cinco pontos, adicionaram-se “muito” e “sempre”. Os quesitos do instrumento se basearam em escala aprimorada por Watson, Clark e Tellegen (1988), Positive and Negative Affect Schedule (PANAS).

Tabela 4 – Emoções experimentadas pelas(os) pesquisadas(os) durante as duas semanas

Emoções experimentadas	%
Emoções positivas	
Orgulhosa(o)	49,8
Determinada(o)	49,8
Ativa(o)	49,3
Atenta(o) ou cuidadosa(o)	48,2
Forte	47,4
Interessada(o)	46,7
Entusiasmada(o)	46,1
Alerta	37,3
Excitada(o)	31,0
Inspirada(o)	25,7
Emoções negativas	
Ansiosa(o)	55,3
Nervosa(o)	42,0
Irritável	37,3
Aborrecida(o)	30,9
Angustiado(o)	24,5
Envergonhada(o)	24,7
Com medo ou receio	22,3
Assustada(o)	13,2
Hostil	12,1

Fonte: Dados originais da pesquisa de campo (2025).

Grande parte das respostas incidu sobre as emoções negativas, que em numerosos casos se relacionam ao domínio de internalização de problemas. Cumpre notar que várias emoções negativas podem ser geradas pela

escola em suas avaliações de rendimento, internas e externas, e à sua pressão sobre as/os estudantes para obterem escores mais altos, na competição pública com outros estabelecimentos.

Tabela 5 – Dificuldades experimentadas no ano passado. Concordância total ou em parte com as afirmações

Dificuldades	%
Mudanças nos hábitos de comer	42,9
Dificuldade de dormir bem	39,8
Ouvi reclamações da minha família por estar conectada.o por tempo demais	38,3
Diminuíram minha atenção e concentração	32,9
Isolamento social	28,7
Diminuição das relações face a face	21,3

Fonte: Dados originais da pesquisa de campo (2025).

Os dados da tabela 5 se referem a efeitos negativos do uso intenso de mídias, o que se relaciona à facilidade de acesso aos produtos veiculados, no sentido de usá-los pelo maior tempo possível e obter maiores lucros. Uma tendência é dormir e acordar mais tarde, com déficit de sono, o que tem impactos negativos sobre o desempenho acadêmico e cognitivo, além da regulação das emoções (ex., Boniel et al., 2023). As alterações dos horários de sono também afetam a alimentação, porém devemos recordar que os padrões corporais difundidos pelas mídias incentivam a magreza feminina, o que conduz a dietas irracionais e ao uso de substâncias inadequadas ou ilegais. O isolamento social lembra que as tecnologias ao mesmo tempo podem aproximar as pessoas e afastá-las, na medida em que o contato intermediado é mais pobre que o pessoal.

Salmivalli e Isaacs (2005) realizaram uma pesquisa sobre autopercepções, percepções de colegas, objetivos sociais e comportamento social, sem envolver as mídias. Concluíram que o relacionamento social envolve as percepções de si própria, comparável a um espelho com distorções em que o estudante se mira. Estas interações com as lentes dos colegas, tendo resultados diferentes sobre os objetivos sociais. Deste modo, se identificam tanto crianças agressivas quanto com comportamento pró social. Por exemplo, visões positivas das co-

legas e de si fortaleceram os objetivos comuns (amizade, relações calorosas, afeto) e moderaram os efeitos da auto percepção sobre os objetivos.

Todavia, da perspectiva do bem-estar, a tabela 6 apresenta altos percentuais positivos sobre os colegas, ao passo que os negativos são no máximo equivalentes à metade dos positivos, o que sugere um ambiente social de relativa segurança. Em contraste, a vitimização por cyberbullying apresentou números relativamente elevados. Uma minoria pode praticar as agressões e deteriorar o ambiente da escola. Vale observar que, considerando os conceitos positivos, pelo menos um terço das/os colegas não teriam boas intenções ou mereceriam confiança e mais da metade não tomariam conta da/o respondente, ou seja, não tinham um grupo solidário e protetivo, essencial para evitar ou enfrentar o bullying. Os dados sugerem também baixo número de testemunhas indiferentes ou silenciosas por temor. Salmivalli, Voeten e Poskiparta (2011) verificaram que, no bullying presencial, as testemunhas têm um papel chave e, quando apoiam as agressões, estas alcançam maior frequência. As/os agressoras/es têm o objetivo de elevar o seu status grupal e a popularidade percebida, diferente de ser queridas/os. Por seu lado, as vítimas não tinham objetivos de status e tinham baixo prestígio grupal (Sijtema; Veenstra: Salmivalli, 2009).

Tabela 6 – Conceitos das/os pesquisadas/os sobre todas/os as/os suas/seus colegas. Concorrência total ou em parte com as afirmações

Conceitos: as(os) colegas...	%
Positivos	
... em geral têm boas intenções	67,1
... merecem realmente confiança	61,7
... preocupam-se com o que me acontece	56,2
... posso me abrir com elas/es	53,9
... realmente tomam conta de mim	41,6
Negativos	
... são hostis	20,5
... só pensam nos seus próprios interesses	16,5
... pensam coisas ruins sobre mim	16,0

Fonte: Dados originais da pesquisa de campo (2025).

5 CONCLUSÕES

Os dados indicam que a maioria se autodeclarou feliz, em suas gradações. Em contraste, minorias expressivas se consideram infelizes. A maioria também expressou conceitos de confiança nas/os colegas, declararam sintomas do domínio pró-social, embora uma minoria significativa tenha declarado o oposto. A que se deve atribuir a infelicidade e outras declarações negativas? A adolescência é um período complexo, que envolve a luta pelo protagonismo e autonomia e a integração social com os pares, com esforços até dolorosos para alcançar aceitação.

Falta a muitos o apoio familiar no que tange ao uso das mídias sociais. Faltarão também em outros campos? É ampla a teia de complexidade da vida adolescente: 1) a integração aos grupos de colegas; 2) o estabelecimento de novas relações com o dinâmico grupo familiar, com frequência famílias recompostas, cada vez mais dirigidas por mulheres no Brasil; 3) o atendimento às exigências escolares, ao mesmo tempo que frequentemente precisa ser cool, em culturas antiescolares; 4) a inserção nas redes sociais, símbolo da pós-modernidade e meio de comunicação rápido com colegas e outros grupos. Entre família e escola se interpõe a tecnologia, com alta atratividade e, assim, ocupando tempo apreciável. Este é um novo agente educativo implícito, que pode ser utilizado para trabalhos escolares e outros fins. A maior parte da literatura constata efeitos negativos das tecnologias, ainda mais em adolescentes, enquanto partes muito menores encontra efeitos nulos e positivos. Parece-se com o tabaco: cria dependência para o consumo duradouro, apesar dos males causados. De outro ângulo, a escola não é uma ilha: a violência está ligada ao seu contexto social: quanto maior a violência na sociedade, mais intensas são as agressões; quanto mais individualista é a sociedade, maiores são os conflitos escolares, em lugar da cooperação (Blaya, 2018).

Apesar da proporção de conceitos positivos em face das/os colegas, a proporção de respondentes envolvidos em cyberbullying foi significativa, quer na autoria, quer na vitimização. Mais que isto, a violência levou parte das

vítimas a agredir, certamente pela educação patriarcal, ou seja, violência gera violência. Isso significa a necessidade atuar preventivamente, em especial junto aos adolescentes do gênero masculino.

REFERÊNCIAS

AARØ, Leif E.; DAVIDS, Eugene L.; MATHEWS, Catherine et al. Internalizing problems, externalizing problems, and prosocial behavior – three dimensions of the strengths and difficulties questionnaire (SDQ): A study among South African adolescents. **Scandinavian Journal of Psychology**, v. 63, p. 415-425. <https://doi.org/10.1111/sjop.12815>

ANDREASSEN, Cecilie S.; BILLIEUX, Joel; GRIFFITHS, Mark D.; PALLESEN, Ståle. The relationship between addictive use of social media and video games and symptoms of psychiatric disorders: a large-scale cross-sectional study. **Journal of Addictive Behaviors**, v. 30, n. 2, p. 252-262, 2016. <https://doi.org/10.1037/adb0000160>. Acesso em: 13 jun. 2025.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Gen-LTC, 2021.

ASSIS, Machado de. **Obras completas: Fale-nas**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. Disponível em: <http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/poesia/maps02.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2012.

BARRÈRE, Anne. **L'éducation buissonnière : Quand les adolescents se forment par eux-mêmes**. Paris: Armand Colin, 2011.

BLAYA, Catherine. **Le cyberharcèlement chez les jeunes**. *Enfance*, n. 3, p. 421-439, 2018.

BLAYA, Catherine. **La cyberviolence**. Paris: Presses Universitaires de France/Humensis, 2025.

BONIEL-NISSIM, Meyran; TYNJÄLÄ, Jorma; GOBINA, Jorma et al. Adolescent use of social media and associations with sleep patterns across

- 18 European and North American countries. **Sleep Health**, v. 9, p. 314-321, 2023. <https://doi.org/10.1016/j.sleh.2023.01.005>
- CILLESSEN, Antonius H.N.; SCHWARTZ, David; MAYEUX, Lara (Orgs.). **Popularity in the peer system**. Nova Iorque, Guilford, 2011.
- CIPRIANI-CRAUSTE, Marie; FIZE, Michel. **Le bonheur d'être adolescent, suivi de quelques considérations sur la première jeunesse et la nouvelle enfance**. Paris: Érès, 2007.
- COLEMAN, James S. **The adolescent society: The social life of the teenager and its impact on education**. Nova Iorque: The Free Press of Glencoe, 1963.
- COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. **TIC Kids Online Brasil 2019**. São Paulo: Cetic, 2020. Disponível em: tic_kids_online_2019_livro_eletronico.pdf. Acesso em: 2 ago. 2025.
- COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. **Pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil: Kids Online Brasil 2024**. São Paulo: CetiQ, 2025. Disponível em: cetic.br - TIC Kids Online Brasil. Acesso em: 2 ago. 2025.
- DE GAULEJAC, Vincent. **Les sources de la honte**. Paris: Desclée de Brouwer, 2008.
- DURKHEIM, Émile. **O suicídio**. São Paulo: Martins Fontes, 2024.
- FIGUEIRA, Marcelle P.; OKADA, Letícia M.; LEITE, Tatiana H. et al. Associação entre supervisão parental, vitimização e perpetração de *bullying* em adolescentes brasileiros, Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 31, n. 1, art. e2021778, p. 1-13, 2022. <https://doi.org/10.1590/51679-4974202200100025>
- GLÉVAREC, Hervé. **La culture de la chambre. Préadolescence et culture contemporaine dans l'espace familial**. Paris: Ministère de la Culture et de la Communication, 2010.
- GOMES, Candido A. Adolescência: conceito em busca da realidade? In: GOMES, Candido A.; NASCIMENTO, Grasielle A.F.; KOEHLER, Sonia M. F. (Orgs.). **Culturas de violência, culturas de paz**. Curitiba: CRV, 2012, p. 17-46.
- GOMES, Candido A.; VASCONCELOS, Ivar C.O.; LIMA, Diogo A. Grupos de colegas: dinâmicas subestimadas na escolarização. **Revista Interacções**, v. 11, n. 38, p. 103-126, 2016. <https://doi.org/10.25755/int.8494>
- HALL, George S. **Adolescence: its psychology and its relation to physiology, anthropology, sex, crime, religion, and education**. Englewood-Cliffs, Nova Jérsei: Prentice-Hall, 1904, 2 v.
- HERRERA-LÓPEZ, Mauricio; ROMERA, Eva; ORTEGA-RUIZ, Rosario. Bullying y cyberbullying in Colombia; Coocurrencia em adolescentes escolarizados. **Revista Latinoamericana de Psicología**, v. 49, n. 3, p. 163-172, 2017. <https://doi.org/10.1016/j.rlp.2016.08.001>
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **PNAD Contínua: Acesso à internet, e à televisão e posse de telefone celular para uso pessoal 2024**. Rio de Janeiro: IBGE, 2025. Disponível em: Microsoft PowerPoint- PNADC-TIC 2024- divulgação. Acesso em: 2 ago. 2025.
- INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Sinopse estatística da educação básica 2024**. Disponível em: 2024 — Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira | Inep. Acesso em: 19 ago. 2025.
- LE BRETON, David. **Desaparecer de si: Uma tentação contemporânea**. 2ª reimpr. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.
- LIU, Yue; XU, Xuegian; HUANG, Xiaodan et al. The mediating effect of school bullying in the relationship between childhood trauma and NSSI among adolescents with mood disorders. **BMC Pediatrics**, v. 24, n. 524, p. 1-11, 2025. <https://doi.org/10.1186/s12887-024-04986-7>

LUKOŠEVIČTĚ, Justě; GARLEPY, Geneviève; MABELLS, Judith et al. Single-item happiness measure features adequate validity among adolescents. **Frontiers in Psychology**, 13.884520, p. 1-10. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2022.884520>

MALAMUT, Sarah T.; TRACH, Jessica; GARANDEAU, Claire F.; SALMIVALLI, Christina. Does defending victimized peers put at risk of being victimized? **Child Development**, v. 94, p. 380-394, 2023. <https://doi.org/10.1111/cdev.13866>.

MALTA, Deborah; SOUZA, Juliana B. MORAIS, Évelin et al. Bullying practices by students aged 13 to 17 years according to the National Survey of School Health (2019). **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 28, art. e2500003, p. 1-9, 2019. <https://doi.org/10.1590/1980-549720250003>

OLWEUS, Dan. **Conductas de acoso y amenaza entre escolares**. Madri: Morata, 1998.

OWENS, Laurence; SHUTE, Rosalyn; SLEE, Phillip. "Guess what I just heard!" Indirect aggression among teenage girls in Australia. **Aggressive Behavior**, v. 26, n. 1, p. 67-83, 2000. [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1098-2337\(2000\)26:1<67::AID-AB6>3.0.CO;2-C](https://doi.org/10.1002/(SICI)1098-2337(2000)26:1<67::AID-AB6>3.0.CO;2-C). Acesso em: 10 ago. 2025.

SALMIVALLI, Christina; ISAACS, Jenny. Prospective relations among victimization, rejection, friendliness, and children's self- and peer-perceptions. **Child Development**, v. 76, n. 6, p. 1161-1171, 2005.

SALMIVALLI, C.; VOETEN, M.; POSKIPARTA, E. Bystanders Matter: Associations Between Reinforcing, Defending, and the Frequency of Bullying Behavior in Classrooms. **Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology**, v. 40, n. 5, p. 668-676, 2011. <https://doi.org/10.1080/15374416.2011.597090>. Acesso em: 30 jul. 2025.

SIJTEMA, J.; VEENSTRA, R.; LINDBERG, S.; SALMIVALLI, C. Empirical test of bullies' sta-

tus goals: Assessing direct goals, aggression, and prestige. **Aggressive Behavior**, v. 35, n. 1, p. 57-67, 2009. <https://doi.org/10.1002/ab.20282>. Acesso em: 2 jul. 2025.

UNESCO. Unesco Institute for Statistics. **International Standard Classification of Education, ISCED 2011**. Montreal: UIS, 2012.

WATSON, David; CLARK, Lee A.; TELLEGEN, Auke. Development and validation of brief measures of positive and negative affect: The PANAS scales. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 54, n. 6, p. 1063-1070, 1988.

ZHU C.; HUANG, S.; EVANS, R.; ZHANG, W. Cyberbullying among adolescents and children: A comprehensive review of the global situation, risk factors, and preventive measures. **Front. Public Health**, v. 9, art. 634909, 2021. <https://doi.org/10.3389/fpubh.2021.634909>.

Recebido em 26 de setembro de 2025

Aceito em 18 de novembro de 2025